

# Intelectuais na Mata Atlântica

## Reflexões sobre migrações e mudança social<sup>1</sup>

Alex Vailati<sup>2</sup>

A partir dos anos oitenta, a municipalidade de Florianópolis localizada na Ilha de Santa Catarina, começou a ser destino turístico e de moradia para muitos brasileiros e estrangeiros, normalmente pessoas com elevado capital cultural ou econômico. A presença desses novos moradores influenciou notavelmente este contexto, até então, ligado a uma economia baseada sobre agricultura e pesca, trazendo transformações sociais e introduzindo novos objetos simbólicos.

A observação da participação é o procedimento transversal neste trabalho, junto com a utilização das metodologias audiovisuais e, em particular, através do uso de um documentário realizado pelo autor como fonte etnográfica.

---

1 - Este artigo é resultado de uma pesquisa desenvolvida entre 2011 e 2013 sobre o papel social e o imaginário dos jovens na baía da Lagoa da Conceição-SC. Foi financiada por bolsas de pós-doutorado MEC-REUNI e sucessivamente CAPES. Fico em dívida com os muitos amigos da Lagoa, na esperança que este trabalho seja, através do meu olhar de fora, um espelho que reflete um pouco das vidas deles. Agradeço pela marcante orientação à Profa. Carmen Rial (UFSC) e o colega Prof. Matias Godio (UNTREF-UFSC), que acompanhou uma parte desta pesquisa, pela contribuição à construção de um olhar crítico sobre a Lagoa. Enfim, agradeço a Yuri Rosa Neves e com ele todos/as os/as integrantes do Núcleo de Antropologia Visual e Estudo da Imagem da UFSC, pela amizade e pela contínua troca de ideias.

2 - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Núcleo de Antropologia Visual e Estudo da Imagem.

A intersecção destas diferentes metodologias de pesquisa permitiu explorar o imaginário dos moradores e a influência das trajetórias dos intelectuais que se estabeleceram na Ilha. Além de analisar a invenção no âmbito local da categoria de ambientalismo, hoje em dia uma palavra chave da política local, este artigo reflete sobre os efeitos da migração de intelectuais, considerada aqui como um espelho do trabalho dos antropólogos no campo.

### **Intelectuais migrantes**

O Brasil historicamente constituiu um dos espaços geográficos exemplares pelo efeito das migrações. Na época pré-colonial, muitos estudos evidenciaram como a circulação de povos indígenas nas regiões sul-americanas foi uma das causas fundamentais para a complexidade dos ecossistemas. A circulação de pessoas levava junto também a circulação de espécies animais e de sementes, até permitir a constituição de ecologias, onde a convivência de elevados graus de diferenças, tanto culturais quanto biológicas, foi dificilmente igualável na história do planeta Terra. Passando desde a época colonial, por violentos processos históricos, encontrando no tráfico negreiro um dos momentos mais obscuros da história das migrações, hoje em dia o Brasil continua sendo um espaço onde a circulação de pessoas tem papel fundamental. Desde os anos 1950, muitos estudos focaram sobre as migrações internas, em particular entre mundo rural e urbano (CANDIDO, 1964; DURHAM, 1973).

Mais recentemente, nos últimos vinte anos, o Brasil assumiu duplo papel na arena internacional das migrações. Por um lado, a circulação de brasileiros no exterior, geralmente migrantes com um bom capital social e econômico (VAILATI e RIAL, 2015), se tornou muito comum em

várias nações europeias ou norte-americanas. Isso já tinha acontecido no passado, por exemplo, em relação às viagens de formação, mas com o crescimento econômico brasileiro dos últimos vinte anos, esse fenômeno se tornou mais relevante. Por outro lado, o Brasil voltou a ser um destino de migrantes estrangeiros, geralmente profissionais ou empreendedores, que se estabeleceram nos grandes e médios centros urbanos brasileiros. Esses percursos muitas vezes são baseados em narrativas que evidenciam uma “necessidade econômica”, fator que nos estudos sobre as migrações é ainda hoje, pensada como a primeira causa da migração. Todavia, as motivações de uma migração são sempre mais complexas, e vão além de uma necessidade econômica.

Neste artigo são analisadas as migrações de intelectuais em um contexto localizado no sul do Brasil, na ilha de Santa Catarina. A partir dos anos oitenta, a ilha começou a ser destino turístico e de moradia para muitos brasileiros e estrangeiros, normalmente pessoas com elevado capital cultural ou econômico. A presença desses novos moradores estimulou notavelmente as transformações sociais, introduzindo novos objetos simbólicos. Em particular, a partir dos anos 1970, com o fortalecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, muitos professores e intelectuais chegaram à Ilha, ainda na época da Ditadura (1964-1985). Alguns deles, participaram em processos sociais de forte relevância.

Este artigo é baseado numa pesquisa etnográfica que adota várias estratégias teórico-metodológicas. Se a observação da participação é um procedimento transversal neste trabalho, são aqui utilizadas as metodologias audiovisuais, que implicam a autoetnografia da produção de documentário e a etnografia das mídias, finalizada com uma análise do imaginário. A análise da dinâmica entre transformações que “chegam de fora” e a recepção local deles permite, além de refletir sobre essas transformações, refletir sobre a

invenção (WAGNER, 1981) no âmbito local de categorias como o ambientalismo e sobre o papel dos migrantes. Se as motivações das migrações, muitas vezes, são descritas como ligadas a necessidades específicas, articuladas em uma vontade de acumulação de capital social, aqui encontramos outras motivações ligadas a uma vontade de agir e transformar a sociedade que hospeda os migrantes.

## **Nativos da lagoa**

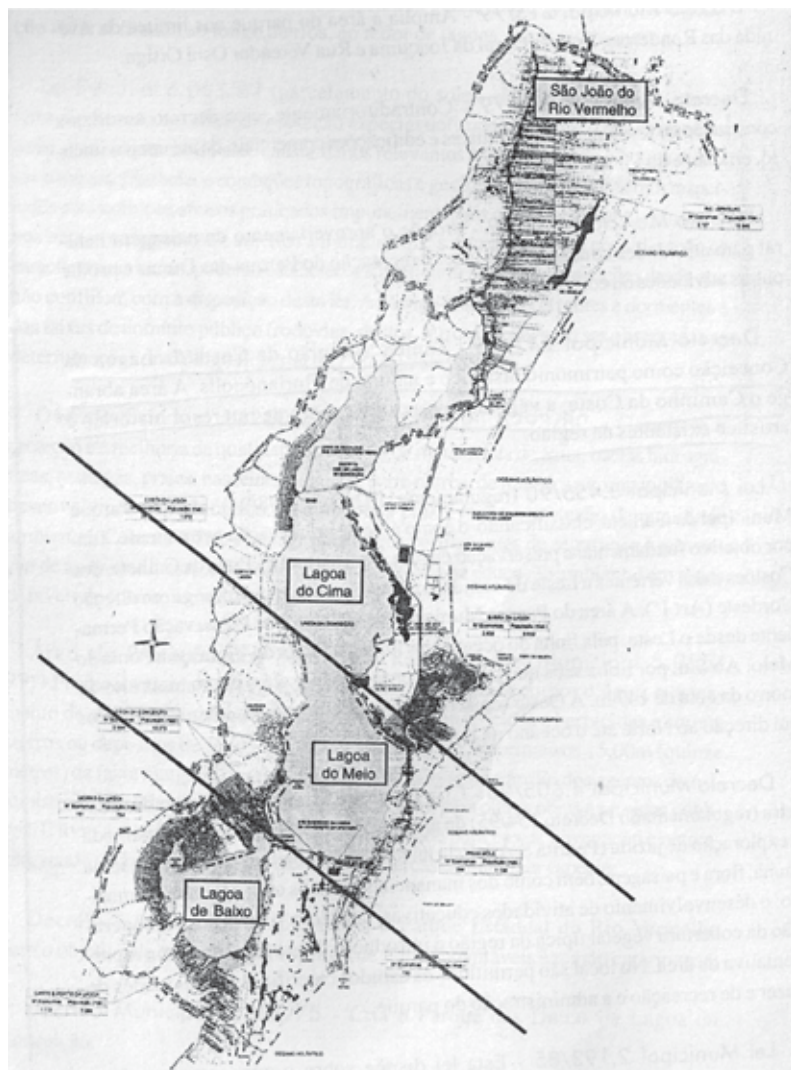
Transitando entre vários campos geográficos de pesquisa é interessante observar como o tema das migrações está presente na vida cotidiana. Talvez, conectada com outros significados, a migração chega a ser uma chave imprescindível nas transformações sociais. No imaginário da Ilha de Santa Catarina, o tema da tradição é bem presente. Muita história local foi construída sobre a categoria identitária da “açorianidade” e sobre uma relação com o mar (COELHO DE SOUZA LAGO, 1996; LACERDA, 2003; GIMENO, 1992; RIAL, 1988; RIAL e GODIO, 2006). Os habitantes, na vida cotidiana, se definem emicamente como “nativos” e isso parece uma construção muito influente na vida social: seja no nível social, para diferenciar os nativos dos turistas ou o “pessoal de fora”, seja no nível simbólico, para preservar o que “verdadeiramente” é patrimônio da Ilha. Como as subjetividades contemporâneas são construídas sobre uma dialética entre autonomia e heteronímia, é preciso analisar como essa identidade foi construída historicamente.

Antigamente habitada pelos índios tupi-guarani, na Ilha de Santa Catarina a história *événementielle* começa com a descoberta e com a conseguinte imigração de habitantes dos Açores. A história da identidade açoriana na Ilha de Santa Catarina parece muito influenciada por aquilo que

John Marshall (2009) define com o termo “mito”. A ressignificação do açorianismo, como é demonstrada pela ótima análise de Lacerda (2003, p.84-124), transformou literalmente a percepção dos antigos habitantes da Ilha. Se cem anos atrás eles eram descritos como “praianos indolentes” que precisavam de uma “higienização” no sentido foucaultiano, no último século o açorianismo mudou primariamente no “recurso contra o avanço das religiões afro-brasileiras” e depois contra o “perigo alemão” ligado à nova imigração em Santa Catarina para depois chegar ao presente, que começa com a modernização da cidade e o desenvolvimento do turismo, em que a açorianidade foi reutilizada como recurso para construir uma nova imagem da Ilha.

Além do mito e da sua relevância simbólica na Ilha de Santa Catarina, a partir da metade dos anos 1700, os imigrantes açorianos desenvolveram uma economia mista, baseada na unidade de produção doméstica voltada à pesca e à agricultura. Esse tipo de economia se conservou, com poucas transformações, até a criação de conexões com o continente e o desenvolvimento da infraestrutura da cidade. O complexo da bacia da Lagoa da Conceição, analisado neste artigo, é colocado na parte central da Ilha e é um conjunto de bairros que rodeiam a maior lagoa da Ilha.

Figura 1 - Mapa da Lagoa da Conceição



Fonte: Pereira Barbosa (2003).

É possível dividir a lagoa em três áreas principais: a Lagoa de baixo, a parte mais urbanizada onde se encontra o Centrinho da Lagoa; a Lagoa do Meio onde está localizado o canal que liga a bacia ao mar; e a Lagoa de Cima onde há a maior presença de áreas de preservação. A Lagoa é um complexo ecossistêmico muito delicado. Antigamente era um espaço econômico relevante, pela pesca de siri, camarão e várias espécies de peixe; atualmente é prevalentemente um destino privilegiado para moradia e para turismo. O declínio da pesca na bacia da Lagoa começa, na memória dos nativos, nos anos 1980: o aumento dos moradores com a conseqüente maior atividade pesqueira e a poluição ligada aos esgotos não tratados são as duas causas mais relevantes (PEREIRA BARBOSA, 2003, p.29). A abertura definitiva do canal da Barra, em 1982, foi o evento que mudou mais radicalmente a dinâmica da reprodução do peixe e dos moluscos (PEREIRA BARBOSA, 2003, p. 25). Se antes o canal fechava sazonalmente a lagoa, a abertura definitiva mudou o ecossistema onde antigamente peixes e moluscos ficavam presos. Essa transformação ecológica, ligada à subordinação da preservação da natureza a questões econômicas, é reflexo de uma trajetória social que podemos encontrar em quase toda a Ilha de Santa Catarina. Se a pesca definida como artesanal, desde séculos praticada na Ilha, é implicitamente voltada à gestão da reprodução do peixe, a continuidade dessa consciência de conservação do meio ambiente, que hoje em dia na retórica global é chamada de ambientalista, foi preservada e ressignificada por meio da interação e colaboração entre intelectuais “de fora” e nativos.

### **Pessoal de fora**

Como já vimos, nos últimos trinta anos, a bacia da Lagoa teve um aumento visível da presença de “pessoal de

fora”. A maioria deles foram turistas, como no caso da Barra da Lagoa (RIAL e GODIO, 2006), ou novos residentes, como aconteceu na Lagoa (Rial, 1988), ou em dimensão muito menor na Costa (GIMENO, 1992). Mas, do ponto de vista político ou macropolítico, duas transformações estruturais tiveram amplas consequências na sociedade local: a criação, no âmbito federal, de uma indústria pesqueira e a valorização da ilha de Santa Catarina como destino turístico nacional e internacional.

Na década de 1960,

[...] o governo brasileiro decidiu implantar uma indústria pesqueira em base empresarial, por meio de incentivos fiscais concedidos pela recém-criada Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (DIEGUES, 1999, p. 361).

Esse foi o primeiro passo em direção a uma transformação da estrutura produtiva nos contextos de pesca artesanal. O modo de vida do pescador que morava na Lagoa, nesse momento, mudou radicalmente. Se antes a pesca era uma atividade produtiva autônoma, fortemente ligada ao contexto local, depois, o pescador foi direcionado para um processo de proletarização. Normalmente com a ‘maturidade produtiva’, os jovens homens migravam para os centros de pesca situados na costa brasileira. Tratava-se de uma migração sazonal, geralmente para os portos de Rio Grande, Itajaí ou Santos, mas com temporadas migratórias muito extensas, de até vários anos. Nesse sentido, o pescador transforma-se em trabalhador da pesca, assalariado, sujeito a um regime produtivo completamente diferente daquilo que ele experimentou no seu passado. Geralmente sujeito a longas migrações sazonais, o ‘novo pescador’ trabalha para indústrias pesqueiras de média ou grande dimensão. Se no passado o objetivo dele era a subsistência do agregado



doméstico, agora é a acumulação de recursos necessários para o acesso aos novos bens de consumo. Interessante aqui mencionar como os velhos pescadores motivam hoje, essa migração. As palavras maiormente utilizadas se referem à vontade de construir casas ou dar uma melhor educação aos filhos, de modo que eles não sejam obrigados a pescar para se sustentar.

Um segundo momento histórico, que parece influente na transformação social, aconteceu no Brasil no início dos anos 1980. Nesse período, a Lagoa da Conceição volta-se ao destino turístico, em particular para estrangeiros do Cone Sul. Esse processo comportou uma dupla transformação que se articulou tanto no plano econômico quanto no simbólico. Do ponto de vista econômico, a introdução do turismo causou um amplo influxo de capital nos contextos locais. Acontece aqui uma mudança nas comunidades que se transformam cada vez mais em provedores de serviços para os turistas. A pesca torna-se uma atividade praticada como segunda fonte de renda, em particular nas baixas temporadas, como acontece com a safra da tainha<sup>3</sup>. Se algumas consequências foram problemáticas, como o influxo de capital exógeno no contexto local, podemos também evidenciar como o turismo, além de ser uma atividade econômica, cria um espaço de encontro importante. Fluxos de pessoas chegam agora a lugares que no passado eram fechados. Os pesquisadores que trabalharam nas histórias das viagens relevam o papel fundamental da viagem e do encontro transcultural na transformação dos pensamentos e dos estilos de vida (CASTLES, 2000; LEED, 1991).

Para introduzir essa temática é útil uma rápida descrição do caso da Costa da Lagoa. Este é um contexto rural colocado na Lagoa de Cima. Também hoje é percebido como

3 - A safra da tainha é uma pesca de praia, realizada entre maio e julho. Esta tem um significado social e econômico relevante porque, além de garantir lucro, permite o restabelecimento de relações sociais entre os participantes.

um dos lugares mais afastados do centro urbano da Ilha. A causa principal dessa percepção é a ausência de uma estrada que ligue esse local ao Centrinho da Lagoa. O meio de transporte mais utilizado é o barco ou uma trilha pela qual se leva cerca de uma hora e meia a pé. Essa situação é resultado de um conjunto de causas. Desde a década de 1970 vários “estrangeiros”<sup>4</sup>, funcionários públicos, professores e “outros” personagens do mundo urbano (GIMENO, 1992, p.105) escolheram a Costa da Lagoa como lugar de moradia. A motivação era ligada ao baixo custo dos imóveis e dos alugueis naquela região, mas sobretudo ao estilo de vida que o lugar permitia. A ausência de carros e o contato com a lagoa e a natureza eram fatores colocados como prioritários por pessoas que muitas vezes chegavam de barulhentos centros urbanos. Em 1988, aconteceram as primeiras eleições da recém-nascida Associação de Moradores. A polarização das duas chapas, uma ligada aos cabos eleitorais nativos e a outra composta pelos “estrangeiros”, aconteceu com a proposta da construção de uma estrada. É interessante como pela primeira vez os “estrangeiros” levaram um discurso ligado à preservação ambiental e ao desenvolvimento autossustentado da Costa, que todavia foi “[...] mal assimilado pelos membros da própria chapa” (GIMENO, 1992, p.107). Claramente essa dificuldade de assimilação era ligada à heteronomia da proposta em relação ao etnoconhecimento local. Todavia esse projeto se afirmou e por meio de votação direta foi escolhida a chapa dos “estrangeiros”, deixando de lado o projeto de construção da estrada. As consequências foram várias. Relevante foi a transformação fortemente criativa das atividades econômicas na Costa. O declínio da atividade pesqueira conduziu à criação de duas cooperati-

---

4 - A maioria deles/as eram brasileiros/as. “Estrangeiros” é um termo êmico utilizado para definir o “pessoal de fora” na Costa. Isso não se refere à nacionalidade, mas a não ser parte da rede social, baseada nas relações familiares que compõem a estrutura social e política da Costa da Lagoa.

vas de barqueiros com a finalidade de garantir transporte público para os moradores e levar turistas à costa. Por isso, foi desenvolvida uma atividade turística baseada na gestão familiar de restaurantes, que processa o peixe coletado na pesca de pequena escala. Enfim, a ausência de uma estrada preservou a costa do avanço da especulação imobiliária, consequência extremamente atípica no contexto da ilha de Santa Catarina.

Muitas pessoas que participaram desses fatos reportam como a vontade preservacionista dos antigos moradores da costa foi ressignificada pelos intelectuais migrados para a costa. O discurso utilizado hoje em dia no local, como em toda a bacia da Lagoa da Conceição, é fortemente influenciado pela retórica do ambientalismo contemporâneo. Sem analisar aqui as consequências – positivas e negativas – dessa adoção, podemos evidenciar como isso é resultado de práticas muito antigas de gestão ambiental ressignificadas por uma inserção em instituições políticas e sua ligação a uma retórica global, que aconteceu nas últimas décadas, prevalentemente, com a chegada de “estrangeiros”

## **Invenção do meio ambiente**

Atravessando a lagoa de barco, podemos chegar a um outro contexto que é objeto de análise em relação à presença do “pessoal de fora”. A Barra da Lagoa é também particularmente interessante porque, no nível econômico, continua sendo parcialmente ligada à atividade pesqueira. A já descrita abertura definitiva do canal da Barra, que com a construção de um molhe estimulou um investimento local na pesca definida como artesanal, foi um evento contemporâneo à chegada dos assim chamados pelos nativos “argentinos com a mochila”. Não só argentinos, mas também habitantes de outros estados brasileiros, catarinenses,

gaúchos e paulistas chegavam nos anos 1980 na Barra e, em muitos casos, decidiam depois se estabelecer ali. Geralmente com um grau superior de educação, alguns desses migrantes, como os que ficaram na da Costa da Lagoa, deram uma forte contribuição para a transformação local. Entrevistas com moradores reportam como muitos professores da escola, por exemplo, decidiram se estabelecer na Barra da Lagoa, para aí trabalhar e ensinar. Entre eles um dos casos mais emblemáticos é o de Vilson Steffen, conhecido na Barra da Lagoa como o professor Neto. Ele teve um papel fundamental, além da educação, na vida sociocultural da Barra da Lagoa. A história dele foi objeto de pesquisa, realizada em conjunto com Matias Godio, e lidou com a realização de um documentário. No nível metodológico, o audiovisual foi aqui uma plataforma para a criação de uma narração, sobre a vida de uma pessoa, polifônica e compartilhada (VAILATI, 2015). Além disso, o filme estimulou debates sobre o papel do Neto na Barra da Lagoa e sobre as interpretações que o documentário tenta propor.

Vilson Steffen nasceu em Bom Retiro, no interior do Estado de Santa Catarina, na década de 1950. Ele se estabeleceu em Florianópolis para estudar Sociologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no final da década de 1970. Ministrou aulas na Barra da Lagoa entre o fim dos anos 70 e a metade dos anos 90, onde alfabetizou os filhos e as filhas dos moradores da região durante vários anos, na escola básica.

Como citou uma ex-aluna, lembrando ele como um dos professores mais influentes da educação dela, a sua proposta educativa era muito particular. Neto adotava um método pedagógico baseado no reconhecimento da cultura dos alunos e, em consequência, da cultura local. Ele “[...] aceitava ser corrigido pelos/as alunos/as” e gostava de “aplicar as coisas que eles ensinavam” (GODIO e VAILATI, 2014).

Uma ampla documentação fotográfica, encontrada nas gavetas dos amigos dele, mostra Neto ensinando uma criança a ler e escrever nas areias da praia. Kalunga, um mestre de Capoeira, já professor de Educação Física na escola da Barra, chegou ali na mesma época em que Neto chegou. A colaboração deles teve a primeira consequência importante, a construção da Associação de Pequenos Pescadores e Rendeiras da Barra da Lagoa, uma das primeiras experiências associativas de pescadores da Barra em um contexto onde a pesca era controlada por grupos oligárquicos ligados aos poderes locais e ao Estado<sup>5</sup>. Calunga bem descreve a reação de muitos nativos às ações do Neto: “Não era uma coisa fácil de ser aceita. A praia era um lugar de peixaria, de trabalho. Ensinar na praia era uma revolução” (GODIO e VAILATI, 2014). Nessas palavras bem se encontra a ruptura praticada pelo professor, na comunidade da Barra, em que o ensino era a ressignificação dos espaços sociais. Neste sentido, Neto foi um estudioso e seguidor da obra e da militância de Paulo Freire (2013). Nos tempos do regime militar no Brasil, o objetivo do trabalho do Neto era ensinar os jovens homens e mulheres a se empenharem “[...] na luta por sua liberação” (FREIRE, 2013, p.55). A Pedagogia Freiriana, além da sua dimensão política, é baseada na quebra da relação vertical professor – aluno. As pessoas envolvidas na relação pedagógica, então, poderiam ser consideradas pares<sup>6</sup>. Durante os primeiros anos como docente na Barra da Lagoa, Neto criou o projeto de um Coral para alunos da escola. Por meio

---

5 - É bom lembrar a trajetória do Paulo Steward Wright, político e ativista, que desapareceu nos anos 1970. Ele tentou organizar os pescadores do litoral catarinense em cooperativas, projeto político que foi sabotado no âmbito de Estado e no do local. Vison Steffen, participou na gravação do film “PSW. Uma crônica de subversão” que foi realizado nos anos 1980, sobre a vida do Paulo Wright.

6 - É útil evidenciar que esta ideia é hoje a base, universalmente reconhecida, da produção científica. Qualquer texto, antes de ser publicado, passa por um processo chamado em inglês por *peer review*, literalmente traduzido como revisão entre pares.

da música proporcionou a seus alunos conhecer e “sentir” outros lugares da Ilha. Além disso, o Coral foi também uma ferramenta para revalorizar músicas e desempenhos locais que, como descreve o doutor Nado Gonçalves, educador e ativista cultural da Barra, a “[...] comunidade já tinha deixado para trás para adotar a retórica do progresso” (GODIO e VAILATI, 2014). A reconhecida revista Nova Escola escolheu esse projeto como um dos mais destacados da década.

Figura 2 – Artigo da Revista Nova Escola sobre o trabalho do Neto

que cada vez mais procuro o local.

Como o interesse do professor atinge toda a população da Barra, ele organizou o Coral dos idosos.

Incomodou-me muito ver essas pessoas sofrendo, esmagadas no fundo das casas, e se não tivessem mais uma contribuição a dar não se poderiam manter. — Através da música, os idosos antigos estão resgatando a memória perdida da Barra — conclui.

Quando em conjunto, ouvindo os seus “causos”, os idosos transmitem para as crianças a história de seus avós, explicam as propriedades das plantas medicinais, lembram antigas receitas e divulgam as rezas e

benzeduras. Enfim, trabalham para impedir a morte das tradições da Barra.

Os idosos também participam, junto com as crianças, dos passeios ecológicos, que têm contribuído para unir as pessoas na luta pela preservação da cultura e da privilegiada natureza do local.

#### *Uma jovem brigada ecológica*

Como a preservação da natureza é uma das mais sérias preocupações do professor, ele lembra a ação dos meninos quando recentemente uma queimada destruiu a vegetação da Ilha do Xavier; que fica em frente à Lagoa da Barra.

— Aquilo é um verdadeiro santuário de aves marinhas, que depositam ali seus ovos.



#### **A GLÓRIA DE UM TRABALHO FEITO COM DEDICAÇÃO E AMOR**

Na qualidade de bolsista da Universidade Federal de Santa Catarina, onde estudava Sociologia, Vilson Steffen (32 anos) começou em 1979 sua carreira de professor de 1.º Grau, na Escola da Barra. Mas as críticas que fez ao fechado sistema ali adotado assustaram a direção, que tratou de se livrar daquele incômodo jovem cheio de idéias. No entanto, depois de uma rápida contata

vida não alcança/ Se eu

Fonte: Revista Nova Escola (s.d.)

Como reporta o artigo, Neto é particularmente en-

gajado no tema da preservação da natureza. Ele ainda recém-chegado na Barra da Lagoa, como vários amigos deles falavam, foi um dos poucos opositores à abertura definitiva do canal. A ideia dele parece ser aquela de não intervir nas obras permanentes na natureza. Essa oposição que, parece, foi ignorada no momento da realização da obra, é também hoje criticada, no sentido de que o canal é quase universalmente percebido, pelos moradores, como uma obra que permitiu a persistência da pesca no local. Todavia, continuou a trabalhar no assunto ambientalista, juntando crianças para reflorestar uma pequena ilha ao largo da costa que foi destruída por uma queimada. Nesses episódios aparece aqui claramente uma vontade de juntar a prática pedagógica baseada na horizontalidade e a aplicação do saber à preservação, seja do meio ambiente, seja do patrimônio cultural local.

Neto, na época pós-ditadura, parece, então, se transformar em uma “referência” da nova educação. Na década de 1990, protagonizava um dos projetos mais renovadores da região, a “Casa da Liberdade”, onde se buscava aproximar os jovens das comunidades carentes da cidade de Florianópolis ao universo do ensino e do conhecimento.

A orientação libertária dele, que implicitamente quebrava as dinâmicas comunitárias baseadas em regras mais autoritárias, assim como a ressonância dos seus projetos educativos, criaram, na Barra da Lagoa, sentimentos ambíguos em relação a Neto. Mas, o radicalismo da proposta do Neto andou também além do pragmatismo político: a Prefeitura ofereceu para o Neto a presidência da escola da Barra. Mas, ele não aceitou a proposta, e como reporta Nado, pediu uma eleição direta. Nessa eleição o “Neto perdeu, deixando a presidência a uma figura mais conservadora e autoritária” (GODIO e VAILATI, 2014). Uma das consequências disso, como reportaram muitos amigos e colabo-

radores, foi uma “persecução política” na Barra da Lagoa, que afetou além do seu trabalho a sua vida pessoal. Após uma crise que traz ainda mais problemática a sua dependência do álcool, ele começa a se afastar da prática educativa e política. Vários amigos e familiares também se afastam paulatinamente dele.

Contudo, ele continua, embora afastado da vida política da Barra da Lagoa, utilizando a casa dele como um espaço de encontro, hospedando artistas e viajantes, e disponibilizando a casa como lugar para atividade política e social. O modo ermitão de viver foi marca de Neto, antes da sua silenciosa morte, que aconteceu em 2010. A sua casa, sem água nem luz elétrica, sem portas e aberta a “todo o mundo”, foi conscientemente defendida como forma de resistência cultural por quase dez anos. Ficava no centro da Barra e foi espaço para festas, reuniões de músicos, artistas, políticos e ativistas ecologistas e referência comunitária de uma cidade que vivia uma expansão urbana vertiginosa. Assim, sua trajetória como pedagogo e sua vida como vizinho, amigo e morador da comunidade permite abordar os desdobramentos que têm a transmissão de conhecimentos e as dificuldades de uma época em que conceitos como meio ambiente, educação ou juventude corriam o risco de se transformarem em formas de disciplinamento e não de liberação.

## **A natureza da preservação**

Por muitos moradores, o centrinho da Lagoa é considerado como um polo de serviços para os bairros adjacentes como a Costa e a Barra. Em muitas falas podemos encontrar a dicotomia “centro”, para definir a Lagoa, e “bairro” para definir a Costa. Não obstante, estes locais ainda mantêm fortes continuidades socioculturais entre eles, as dife-



renças, ligadas à diferente relação deles com a o centro urbano de Florianópolis, são muitos fortes. O assim chamado “Centrinho da Lagoa” é o espaço mais urbanizado da bacia da Lagoa, percebido como o lugar mais conectado, sob o ponto de vista infraestrutural e da mobilidade urbana, com os bairros mais centrais da cidade.

A diferença substancial entre o Centrinho e os outros bairros aqui analisados é que ele foi o lugar onde as pessoas que moravam no centro começaram a se estabelecer. Famílias ricas encontraram nessa região um lugar mais perto das praias. A criação, em 1969, do Lagoa Iate Club, cujo prédio principal foi projetado por Oscar Niemeyer e inaugurado em 1975, foi um marco simbólico importante que elegeu o bairro da Lagoa a segunda residência para os habitantes ricos da cidade. A partir desse momento, começou um processo que colocou o Centrinho da Lagoa como um cruzamento entre cidade, praias, outros bairros, em que a vida dos antigos moradores foi modificada pela presença do “pessoal de fora”. Como reporta Rial (1988), nas décadas sucessivas a vida econômica se transformou, passando de uma quase total autonomia produtiva a uma dependência do trabalho assalariado, seja no centro da cidade, seja como prestador de serviços nas casas dos ricos.

Esses processos chegam até a época atual, em que o Centrinho é um lugar urbanizado e fortemente heteronômico. A presença do “pessoal de fora” virou um marco característico desse lugar. Todavia, a presença de estrangeiros é aqui metabolizada, incorporada a um papel que já viu o professor Neto como um predecessor. A necessidade de “não incomodar, de ficar na casinha dele” (GODIO e VAILATI, 2014) resulta um marco para uma relação com “os nativos” baseada no reconhecimento social. Relação que, além das vivências pessoais, como reportam muitas pessoas que foram “presas” nesta pesquisa, resulta mais marcada

por um senso de dificuldade de se localizar nos espaços políticos locais relevantes. Daí a necessidade de criar espaços de socialidade paralelos à vida dos nativos, que são representados por uma incorporação de termos heteronômicos. Os exemplos mais recentes são a criação de espaços para “trucks food” ou “cooworking”. Estes, através de uma lente interpretativa baseada na etnografia, reificam uma separação radical entre “nativos”, cada vez mais vinculados a essa oportunidade de ganho monetário, mas excluídos desses espaços de “pessoal de fora” muitas vezes sem conhecimento êmico da vida social, que impõem novos modelos de sociabilidade.

É aqui que podemos encontrar um ponto fundamental relativo às migrações de ricos. Em um contexto como o centrinho, as relações se estruturam em simbiose com os recém-chegados. Os nativos conseguem adquirir um poder econômico, infelizmente, percebido como o parâmetro mais importante pela afirmação pessoal, ou por meio da venda de terrenos e imóveis ou pela entrada na arena das atividades econômicas voltadas aos novos moradores ou turistas. Neste sentido, seja em uma perspectiva local ou global, os migrantes são

[...] parte do processo de transformação dessas estruturas sociais e das instituições, que surgem através das mudanças nas relações políticas, econômicas e sociais em âmbito global<sup>7</sup> (CASTLES, 2000, p. 1566).

Esses são processos bem presentes na Lagoa, em particular em relação ao discurso ambientalista, que se afirma como um fio condutor das relações entre continuidades e mudanças.

---

7 - Minha tradução de: “one part of the process of transformations of these structures and institutions, which arises through major changes in global political, economic and social relationships”

A Lagoa, como já vimos, é um ecossistema muito complexo e delicado, que sofre, em particular desde os anos 1990, de uma contínua degradação, ligada principalmente ao problema de superpopulação e à falta de tratamento dos esgotos. Nos últimos dois anos, o discurso ambientalista foi utilizado para justificar ações políticas ambíguas. Em particular a recente ação do Ministério do Meio Ambiente contra a Prefeitura de Florianópolis, que teve como consequência propor a desocupação e a destruição de qualquer construção que se encontra na faixa dos trinta metros da Lagoa. Além de ser um projeto político inexecutável, porque comportaria a destruição de bairros inteiros, entre os quais o da Costa da Lagoa, essa proposta é claramente incongruente consideradas as políticas de expropriação do meio ambiente atuada pelos poderes econômicos e políticos. Todavia, encontramos entre muitas pessoas de fora, uma implícita aprovação desse projeto “ambientalista” em contraposição à maioria dos nativos. Nesta dinâmica, que foi de fato muito conflitante, encontramos uma ideia heteronômica de gestão do meio ambiente que, uma vez naturalizada, é aplicada como ferramenta neoliberal para permitir novas dinâmicas de expropriação.

## Conclusões

Voltando à história do maior protagonista deste artigo, podemos dizer que a crise e o falecimento do Neto não impediram que uma herança forte fosse transmitida. Neto é hoje considerado ainda o articulador de uma transformação social que aconteceu na Barra e que foi desenvolvida por intermédio do trabalho de “[...] jovens professores, recém-formados, que chegaram à Barra na década de oitenta” (GODIO e VAILATI, 2014). Um *leitmotiv* desse trabalho foi a educação ambiental e o resgate de tradições que já na-

quela época foram “deixados de lado” pela retórica da modernização.

Atualmente, essas duas linhas foram totalmente absorvidas nas práticas do ativismo político e cultural. A preservação da natureza é uma palavra chave, literalmente uma *buzzword* da vida política institucional. Na maioria das vezes utilizada para gerar consenso político, a ideia de preservação parece estar muito longe das práticas das elites políticas ou econômicas. Mas, além disso, a ideia de preservação parece ser daqueles que estimulam mais a participação política dos cidadãos. Similarmente, o resgate das tradições é um objeto fortemente utilizado na comunicação publicitária da Ilha de Santa Catarina, em particular em relação ao turismo. A açorianidade em particular, categoria identitária ligada às conexões com um passado mais ou menos remoto, é utilizada amplamente para descrever a “cultura” dos nativos da Ilha com finalidade comercial. Esta cultura, que geralmente é resultado de forte miscigenação de várias migrações e influências, é baseada no resgate de objetos culturais. No mesmo sentido, mas com modalidades práticas diferentes, Neto foi um memorialista, revitalizando, por meio do Coral de crianças, músicas e letras fundamentais para a história local.

Olhando a contemporaneidade, parece que a herança dessas ideias, cujos pioneiros foram Neto e os outros intelectuais que moraram na Barra da Lagoa ou na Costa da Lagoa, é hoje muito presente no imaginário local e influencia amplamente, de maneira positiva e negativa, seja na vida cotidiana dos nativos, seja nas políticas públicas baseadas na valorização turística da Ilha. O caso do Neto, e da migração de “cérebros” na Barra, é emblemático para repensar a categoria de migrante. Se, historicamente, na literatura, o estudo das migrações é ainda muito focado nos pobres, nesta história local podemos encontrar um caso pioneiro

que se contextualiza perfeitamente naquele que, da literatura atual das Ciências Sociais, é definido como fenômeno da fuga dos cérebros, hoje em uma dimensão global.

Além desta conclusão, que se coloca no âmbito teórico, podemos pensar a relação entre ativismo social e pesquisa, tema nos últimos anos fundamental pelas Ciências Sociais e pela Antropologia (STRATHERN, 1988). Neto é um personagem emblemático para o trabalho intelectual e de pesquisa que foi realizado na Ilha. A dialética entre a inclusão dele em um projeto social, gerenciado principalmente pelo pessoal de fora, e a exclusão da vida dos nativos descreve bem os desafios dos pesquisadores que trabalham na Ilha de Santa Catarina. Neto, que um dos nossos informantes parangonou ao intelectual Franklin Cascaes, pela criatividade do seu trabalho e pelo contato com o “povo” (GODIO e VAILATI, 2014), foi um argonauta, particularmente para nós, antropólogos, de uma trajetória de pesquisa e ação social. A pesquisa etnohistórica sobre as migrações de intelectuais se coloca, então, como uma ferramenta para esclarecer qual impacto as Ciências Sociais tiveram nos contextos locais e quais trajetórias futuras adotar.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.

CASTLES, S. *Ethnicity and Globalization: from migrant worker to transnational citizen*. London: Sage Publications, 2000.

COELHO DE SOUZA LAGO, M. *Modos de vida e identi-*

dade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

DIEGUES, A. C. A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. *Etnográfica*, v.2, n.2, p. 361-375, 1999.

DURHAM, E. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIMENO, S. I. D. *O destino viaja de barco: um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de Modernização (1930-1990)*. Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

GODIO M.; VAILATI, A. *Naufração*. Brasil, 2014. (Filme)

LACERDA, E. P. *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. Tese (Doutorado em Antropologia Social)--Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

LEED, E. J. *The Mind of the Traveler: from gilgamesh to global tourism*. New York: Basic Books, 1991.

MARSHALL, J. *A Kalahari Family: death by myth*. United States, 2009. (Filme)

PEREIRA BARBOSA, T. C. *Ecolagoa: um breve documento sobre a Ecologia da Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição*. Florianópolis: Gráfica Agnus, 2003.

RIAL, C. *Mar-de-dentro: a transformação do Espaço Social na Lagoa da Conceição*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)--Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1988.

\_\_\_\_\_; GODIO, M. (Org.). *Pesca e Turismo: etnografias da globalização no litoral do Atlântico Sul*. Florianópolis: NUPPE/CFH/UFSC, 2006.

STRATHERN, M. *The gender of the gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkley: University of California Press, 1988.

VAILATI, A.; RIAL, C. (Org.) *Migration of Rich Immigrants: gender, ethnicity and class*. New York: Palgrave Macmillan, 2015.

WAGNER, R. *The invention of culture*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.